

Circuito - Rio

O Circuito – Rio, surgiu da necessidade de expansão, de crescimento da vela de oceano no Brasil, mais especificamente nas regiões sudeste e sul. Os barcos de competição de oceano haviam caído na obsolescência de linhas e a necessidade de novos “ratings” se impunha. O Brasil não havia acompanhado as novas tendências mundiais e por isso, as importações tornaram-se imperiosas.

Os primeiros velejadores a obterem licença de importação foram:

Sérgio Mirsky – Cal 40’ – Neptunus III

Israel Klabin – Columbia 50’ – Pluft, logo substituído por um Swan 55’

Escola Naval – dois Cal 40’ – Villegagnon e Coligny

Erling Sven Lorentzen – Saga

Mario Besse em parceria com Jacques Mille compraram vinte Asperges.

Com esse primeiro movimento de importação, a flotilha de oceano foi sendo renovada e cada vez mais capacitada a disputar regatas de alto rendimento.

Naquele momento, Roberto da Rocha Azevedo havia assumido a direção da Associação Brasileira da Classe Oceano – ABVO em substituição a Mario Salles (1969). Complementando a renovação da flotilha vieram ainda o Maduza, o Seven, o Tuna Wawato, o Saravá, o Buscapé e muitos outros.

“Nesse cenário de marcante evolução cheguei a conclusão ser necessário que se promovesse um evento de grandes proporções, uma competição de nível internacional que pudesse projetar a vela brasileira para além dos limites de uma Buenos Aires – Rio. Examinei as regatas internacionais que tinham esse formato tais como Admiral’s Cup, Newport – Bermudas, Onion Patch e a Fastnet Race e disso surgiu o embrião do Circuito – Rio.

Resolvemos aproveitar a já existência da Buenos Aires – Rio e estabelecemos um vínculo entre a Santos – Rio e o Circuito – Rio. Desta forma, aproveitamos a presença dos velejadores paulistas, enriquecendo o circuito.

Foi um sucesso total e a década de 1970 ficou marcada como a década da vela de oceano. A conquista da Buenos Aires – Rio pelo Pluft de Israel Klabin em 1971 e a participação do Brasil na Admiral’s Cup, foram fatores determinantes no desenvolvimento da Vela de Oceano. À partir daí, ficamos aptos a disputar em raias mais complexas.

Tendo em vista a aptidão dos velejadores brasileiros resolvemos realizar o primeiro Circuito Rio. Devido à magnitude da empreitada para a reestruturação da ABVO, chamamos Alan Green, Secretário Adjunto do Royal Ocean Racing Club, para ajudar na estruturação da classe. E foi uma colaboração de peso. Green passou 6 meses no Brasil, durante os quais dedicou-se a dar suporte a ABVO e à CBVM.

Para a divulgação deste trabalho, foram convidadas as três mais importantes revistas náuticas dos Estados Unidos, Inglaterra e França que cobriram as regatas dando, desta forma, visibilidade internacional ao desempenho do Brasil.

latismo nacional. Por isso, ainda no ano de 1971 o Brasil incluiu em seu calendário a Cape Town Rio, com enorme sucesso.

Sendo assim, estava consagrado o Circuito – Rio. Já se falava de Brasil no exterior. Tanto é que alguns dos melhores velejadores estrangeiros vieram para as regatas de 1972. Dentre eles, Dennis Conner e Ted Turner.

Maria Elizabeth Labouriau